

**“Meus guias que fizeram meu encruzo”:  
feitura de uma mãe de santo no tambor de mina.<sup>1</sup>**

Juliana Loureiro<sup>2</sup>

Palavras chaves: Tambor de Mina, Encruzo, Encantaria, Etnobiografia Fílmica.

***serviço de croa, encruzo***

Entre os participantes do tambor de mina<sup>3</sup> se designa por *serviço de croa* ou *encruzo* o trabalho espiritual de uma mãe ou um pai de santo de preparar o corpo de um médium para que ele possa receber seus voduns e caboclos de forma mais *firme* e assim ter melhores condições de *trabalhar* com a força, o poder e as habilidades das entidades espirituais. Com o *encruzo* bem feito, o médium pode benzer, rezar, preparar banhos, fazer serviços espirituais, *experiências* e até mesmo *encruzar*, tirar a *conta* do próprio corpo e colocar em um filho ou uma filha de santo, tornando-se assim mãe ou pai de santo. Como veremos, a partir da biografia de Mãe Severina, um *encruzo* como o dela tem uma história própria, que apesar de ter um devir ontológico comum a outros encruzos desafia as convenções e assume as particularidades do imaginário de quem encruza, é encruzado e ou assiste o encruzo, de quem o simboliza, dá significado e nos conta.

Como bem documentado pela literatura religiosa e antropológica, os rituais de iniciação no candomblé são bem definidos. São 21 dias em que o iniciado iywào cumpri com uma série de ritos e obrigações no terreiro para a “raspagem da cabeça” e “feitura do santo”, mais um ano de resguardos, sucedido de obrigações de 1, 3 e 7 anos. Quando cumprida a obrigação de 7 anos, o médium preparado para receber todos os seus orixás, se elava a condição de ebomi, recebe seu decá e começa sua possível trajetória de pai ou mãe de santo. Apesar das particularidades que cada “feitura” pode manifestar, no candomblé os ritos e os elementos simbólicos envolvidos, assim como a hierarquia, estrutura e dinâmica do ritual, são amplamente compartilhados entre vários babalorixás e yalorixás que lideram terreiros de

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na 32ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro de 2020.

<sup>2</sup> Doutoranda em Antropologia e Mestre em Sociologia e Antropologia pelo PPGSA/UFRJ e professora substituta de antropologia na UFMA.

<sup>3</sup> O tambor de mina é a denominação dada a religião de matriz africana difundida de São Luis para as terras do Grão Pará a partir do século XVIII. Assim como o tambor de mina, o terecô também é uma religião de matriz africana, com festas e rituais para a incorporação de voduns e caboclos das encantarias das matas de Codó, ao sul do Maranhão. Nos terreiros de tambor de mina de Itapecuru o tambor da mata do terecô está presente nos toques de tambor de mina e os caboclos da família Légua, que é a principal e mais numerosa entre as famílias de encantados da mata de Codó, se destacam.

candomblé espalhados pelo Brasil e pelo mundo. Esse universo simbólico comum compartilhado em diferentes contextos sociais é determinado pela filiação a uma casa matriz e a uma das nações do candomblé, como a Ketu ou a Angola. O compartilhamento dos fundamentos tem uma temporalidade pré-determinada e o aprendizado das convenções simbólicas dos ritos é possibilitado pela pedagogia ritual de preparação e sacralização corporal e pelo estímulo mimético que o ritual impõe na ritualidade do iniciado, até que esse atinja a sua condição de liderança espiritual responsável pela condução dos ritos.

No tambor de mina os ritos e a dinâmica de iniciação são muito diferentes das praticadas no candomblé. A preparação do médium para a incorporação dos encantados é um dos grandes segredos da mina<sup>4</sup>. Até a noção de “feitura” – categoria corrente no candomblé, que utilizei no título como uma proposição analógica para produzir um entendimento de que o “encruzo” seria uma preparação do corpo do médium para receber seus voduns e caboclos – nos leva a equívocos no entendimento do que seria propriamente o rito do tambor de mina denominado *encruzo* ou *serviço de croa*.

Na Casa das Minas - considerada a mais tradicional e modelo litúrgico do tambor de mina, como observou o professor Ferretti em sua etnografia Querebentã de Zomadônu - os rituais de feitura de uma vodunsi-gonjoái – quando as iniciadas que já dançam com seus voduns passam por ritos especiais que lhe permitem receber as entidades infantis femininas, chamadas de tabossis ou meninas – desde 1914, data do último barco, não foram mais realizados. Sem a feitura de vodunsi-gonjáí não se preparava mais nenhuma médium para assumir o cargo de chefia, o que teria provocado o fim dos toques e da incorporação dos voduns na Casa das Minas. Contudo, apesar dos temores dos admiradores e pesquisadores da Casa das Minas – para eles um pedaço da África no Brasil, onde os voduns da dinastia do Daomé viam dançar e interagir com o público presente – o tambor de mina não acabou, se diferenciou e se multiplicou como um rizoma. Se os voduns africanos que não dançam mais na Casa das Minas incorporam ou não nos médiuns que baiaem pelos inúmeros terreiros, casas, tendas, salões e quatinhos de tambor de mina, terecô, pajelança encontrados pelo Maranhão, Pará, Piauí, Amazonas, é uma eterna controversa. O fato é que muitos encantados se fazem presentes, dançam, bebem e

---

<sup>4</sup> O termo mina, diferencia a denominação religiosa “tambor de mina”, construída pela referência dos tambores tocados por negros mina: identificando a procedência dos africanos, os vindos dos portos da Costa da Mina. Contudo, o termo é acionado de forma mais englobante, tal como o termo encantaria, que inclui o mundo da encantaria, que apesar de invisível tangencia o mundo visível na mata, no fundo das águas, em fendas de pedras, nos corpos humanos que incorporam e acionam suas entidades, símbolos, mitologias, ritos e acontecimentos. É considerado um mundo cheio de segredos que não podem ser revelados. Nossa pesquisa não se propõe a descobrir segredos e sim construir um entendimento a partir do que é contado pelos encantados e os médiuns à antropóloga pesquisadora e pela vivência desta com o universo da encantaria.

conversam nas festas de tambor e se apresentam como vodum, caboclo, pajé, índio, turco, cigano, sereia, mãe d'água, surrupira, cobra e se identificam por muitos nomes, sobrenomes, apelidos e até codinomes, para não revelar exatamente quem são. É justamente o segredo que sustenta a multiplicidade dos devires ontológicos na encantaria. Cada singularidade múltipla com seus fundamentos e mistérios.

Realizo minha pesquisa sobre a “Encantaria Quilombola<sup>5</sup>” em Santa Rosa dos Pretos, comunidade negra e rural do município Maranhense de Itapecuru Mirim. Meu convívio e filmagem de festas, entrevistas e cotidiano foram principalmente na Tenda Nossa Senhora dos Navegantes, fundada e comanda por Mãe Severina. Quem se dedica, junto com seus encantados, a me contar suas histórias. Neste artigo convido os leitores a imergir na literalidade etnográfica, com a leitura de trechos transcritos e selecionados das entrevistas que fiz com Mãe Severina, seu esposo, Hilário, e sua cabocla, Teresa Légua<sup>6</sup>. Para compartilhar com o leitor o imaginário etnográfico sobre o *encruzo*, que propiciam as reflexões antropológicas que esboço no final do artigo, apresento as narrativas autobiográficas em sua integridade discursiva sobre a temática em questão: o enredo e o ritual de *encruzo* para a preparação de Severina Silva como uma mãe de santo do tambor de mina.

Construídas na oralidade dialógica, as narrativas expressam formas e conteúdos simbólicos, performances e moralidades de seus oradores e refletem a relação discursiva entre os que contam o acontecimento de interesse etnográfico e o antropólogo que pergunta, escuta e aprende<sup>7</sup>. É a própria Mãe Severina que nos conta como começou sua história na mina até o seu *encruzo*. Em uma nota de rodapé incluo na narrativa dessa história a versão de Seu Hilário, que expressa seu ponto de vista como marido que testemunha e interfere nos acontecimentos. Também em notas estão informações que colaboram com a contextualização das narrativas e dos personagens envolvidos na história. Para ampliarmos nossa imaginação da cena

---

<sup>5</sup> Este artigo é parte do processo de escrita da tese “Encantaria Quilombola: Uma etnografia filmica do *atuar* dos encantados junta à comunidade rural negra maranhense de Santa Rosa dos Pretos”. No artigo “Poder e diplomacia entre encantados, humanos e o Divino Espírito Santo”, também apresentado na 32ª RBA, na Mesa Redonda “Sincretismos, africanismos e religiões afro-brasileiras no século XXI”, exponho mais informações sobre a pesquisa e o Território Quilombola de Santa Rosa dos Pretos.

<sup>6</sup> Teresa Légua é uma entidade espiritual da encantaria. Ela é uma das filhas mais velhas e rebeldes do Velho Légua. Em sua biografia mitológica ela, suas cantigas, e os outros encantados nos contam que com 7 anos de idade ela levou uma surra de seu pai e revoltada saiu das encantarias da mata de Codó e foi buscar abrigo na encantarias de Rei Sebastião, na Ilha dos Lençóis, por isso ela pertence a essas duas *famílias/linhas/correntes*.

<sup>7</sup> Numa perspectiva e postura de pesquisa que coloca em exercício a proposta de uma antropologia compartilhada a autoria também deve ser entendida assim. A valorização da descrição e exegese dos pesquisados e a transmutação da narrativa oral para a textual simetriza os saberes entre pesquisador e pesquisados, humanos e encantados.

etnográfica, apresento também a versão contada pela cabocla Teresa Légua<sup>8</sup>. A entidade espiritual revela sua *atuação*, performance e motivação na participação do *encruzo* de Mãe Severina.

Passemos agora da escrita reflexiva e explicativa para adentramos na leitura da oralidade dos personagens que nos contam suas histórias com a literalidade imagética de quem as vivenciou e por isso as encenam. A participação e protagonismo dessas narrativas autobiográficas no texto é uma opção que reflete a prática de pesquisa com o uso do registro e da interação audiovisual. No filme elas também aparecem como cena.

### ***desde criança sentia problemas, via cobra, via menino louro, via negrinha<sup>9</sup>***

Para contar como foi meu encruzo tem que contar o início da minha história. Desde criança e na adolescência eu já sentia problema. Eu de criança via muitas cobras, muitas coisas de menino pequeno, de menino louro, via mulata, via negrinho, via negrinha. Meu pai nunca acreditava. Sempre quando eu chegava do poço chamava minha mãe. Eu ia tomar banho com minha mãe. Eu ia lavar roupa também. Eu chegava eu contava para ela, mas ela não me batia. Agora ele sim. Quando eu contava, que ele ia ver que não era verdade aquilo que eu estava contando. Para ele não era verdade, mas para mim sim. Ele me batia. Inclusive eu apanhei muito da mão de meu pai. Eu já vinha com problemas.

Para começar a história ele me deu uma pisa. Lembro muito bem que eu estava com 7 anos mais ou menos de idade. Que na época com sete anos a gente se achava muito criancinha. Ele mandou eu comprar uma gilete para tirar a barba. Nesse tempo não tinha barbeador, não tinha nada. Cortava o talo e amarrada com fio de linha. A tarde ele mandou eu comprar uma gilete eu fui comprar. Era muito distraída. Eu vinha brincando na beira da estrada e a gilete

---

<sup>8</sup> A *atuação* (incorporação, performance e agência) da cabocla Teresa Légua no corpo e na vida de Mãe Severina produz uma série de acontecimentos que marcam de forma significativa a sua biografia. As memórias a respeito desses acontecimentos, resgatadas pelas oralidades dos envolvidos, também são produtoras de uma biografia mitológica de Teresa Légua. Na etnografia filmica da Encantaria Quilombola que realizo, Severina e Teresa, humana e encantada, são as duas personagens principais. Cada qual com ontologias, performances e oralidades próprias e diferenciadas entre si. São duas biografias entrelaçadas, a da mãe de santo e a da cabocla. Mesmo que produzida por um só corpo, elas são vividas e contadas através da materialidade corpórea de Mãe Severina. Pois quando Teresa Légua está incorporada é a cabocla quem fala, com oralidade e posição na história distintas das de Mãe Severina. Aliás, podemos considerar que na biografia de Severina, contada por ela e por sua cabocla, ela é a protagonista e Teresa Légua a antagonista. Como personagens distintos, cada qual tem sua biografia e uma atuação própria na história da outra. Importante também considerar que na biografia de Mãe Severina outras entidades que ela incorpora também são atuantes. Por sua vez, a biografia mitológica de Teresa Légua é construída também pelo que acontece no mundo da encantaria e por sua atuação incorporada em outros médiuns.

<sup>9</sup> Deste tópico em diante o texto se dedica a apresentação das narrativas autobiográficas. Dados etnográficos, compostos pela transcrição, seleção e edição de trechos das entrevistas. Esse tópico e os que sucedem foram realizadas com Mãe Severina na sala de atendimento da Tenda Nossa Senhora dos Navegantes em 04 de agosto de 2017.

caiu. Eu acho que ele nem se lembra dessa história, mas eu lembro direitinho. Aí a gilete caiu e eu não sei onde perdeu. Quando eu cheguei em casa não tinha mais nada na minha mão. Aí ele me perguntou... Ele me chamava de Viquinho, carinho de pai.

- Viquinho?

- Nhô?

- Cadê a gilete?

- Eu não sei papai.

- Você não se lembra?

Eu sei de que por aí ele me pegou. Me deu uma pisa. E a pisa foi grande. Eu fiquei com febre, muita febre. Meu avô veio e pediu para ele não me bater mais de jeito nenhum. Porque não era pessoa comum, que eu tinha problema. Que ele nunca tinha batido nele quando era pequeno e por que que ele ia bater nos filhos. Meu avô que entendia e pedia para meu pai não me bater porque eu não era comum. E me benzia.

Quando eu era pequena, eu me sentava na perna de meu avô. Aí ele ficava passando a mão no meu cabelo. Ele assim barbudo com aquele cuspe de fumo que vem de bater ferro. Com aquele cheiro de suor suado. Com cheiro de roupa velha com ferro. Mas eu sempre estava agarrada nele. Ele era negrinho, com cabelinho bem enroladinho. Ele mastigando fumo, eu passando na barba dele. Parece que eu estou vendo. Nunca esqueci do meu avô em tempo nenhum. Doida para abrir a boca dele e ver o que tinha debaixo da língua. Aí ele disse:

- Minha filha, se eu ainda fosse vivo...

E eu sentada na perna dele.

- ... no tempo que tu fosse cumprir com tua obrigação, tu não ias dançar mina. Porque eu não deixava.

- O que vovô? Que está dizendo?

Eu era pequena, mas eu me lembro até hoje:

- O que é vovô?

- Eu estou dizendo se quando minha filha fosse cumprir com tua obrigação de mina com esse povo de meu compadre Légua e eu ainda fosse vivo eu não deixava.

Eu não sabia de nada:

- Por quê?

- Porque é muito pesado para carregar esse povo de meu compadre Légua. Para carregar esse povo do meu compadre Légua, minha filha, é preciso ter peito e capricho e eu não quero te ver, não queria te ver judiada nunca. Que esse povo para dale na gente não mede distância.

Meu avô me disse isso e eu nunca esqueci. Ele já sabia. Ele conhecia. Meu avô era curador velho. Negro curador velho. Quilombo. Negro quilombola. Meu avô conversava com meu Pai Légua. Ele dizia que conversava com o compadre Légua. Chamava de meu compadre:

- Eu converso com meu compadre minha filha. Assim como eu estou conversando contigo aqui.

Tratava de negócio eles dois.

- Desse jeito, desse, desse aí.

Onde se encontravam, eles conversavam:

- Até logo compadre.

Meu avô conhecia o pessoal de Codó como a palma da mão dele. Toda a família de Légua o meu avô conhecia. Todos os filhos de Légua meu avô conhecia. Eu não conheci nessa época. Ele que me contava e eu sabia que ele sabia. Meu avô era o maior curador. Ele não era macumbeiro, era curador aqui dentro da Santa Rosa. Aqui era só ele. Curava as crianças e as mulheres daqui de Santa Rosa, os homens quando caíam. Era chamado de Dito. Era só Dito para cá e Dito para acolá, meu padrinho para cá, meu compadre para acolá. Não chamava Seu Benedito, era só Didito. Benção Didito. O nome dele era Benedito Leonel.

Dona Severina, ele não dançava?

Não. Não dançava. Meu avô só curava. Benzia. Fazia garrafada. Meu avô curava mesmo. Fazia garrafada e desmanchava feitiço que os outros faziam para uma pessoa. Ele desmanchava no sol. Ele *responsava*. Se uma pessoa roubasse dinheiro de uma pessoa ele desmanchava. O cara ia chorando entregar o dinheiro. Era curador velho. Ele fazia e desmanchava. Só que ele para fazer não fazia, meu avô nunca fez mal a ninguém.

### ***fui pescar na laje, me atacou o espírito mau***

Uma vez eu fui pescar na laje. Eu tinha uns 12 anos. Era isso aí, uns 13 anos, uns 15 anos. Tinha um lugar aí que chamava Campo Redondo. Aí meu tio foi para lá pescar e tinha muito coco, muito peixe. Ele chegou dizendo para nós irmos quebrar coco e pescar. Foi uma turma de moças para lá quebrar coco para comprar roupa pelo Festejo do Espírito Santo.

Eu fui mais minha irmã, Francisca. Foi a primeira vez que me atacou o espírito mau. Para começar meu problema. Me atacou nas Lajes do Curral. Aí veio gente chamar papai, ele foi me buscar. Quando chegou comadre Georgina<sup>10</sup> me tratou. Fiquei boa. Para começar ela

---

<sup>10</sup> Georgina foi madrinha de casamento de Dona Severina, e madrinha de batismo de sua filha Fátima e foi sua mãe se santo. De modo que Dona Severina se refere a ela como madrinha, comadre ou mãe. Mãe Georgina não era filha da Santa Rosa, mas foi companheira de Seu Libânio Pires, uma importante liderança do quilombo. No

fez reza, me benzeu, retirou o espírito que estava me acompanhando. E por aí ficou... ficou... ficou... Depois voltou a me atacar.

Papai tinha viajado para Capinzal, fazendo trabalho em Capinzal. Minha mãe Venância, que é a irmã dele, minha tia, é minha mãe de leite, me levou para titio Policarto<sup>11</sup> me benzer. Ele estava em casa e me recebeu muito bem. Mamãe Venância tinha dito para ele para me passar o benzimento; que papai não se encontrava em casa e eu estava passando mal, que estava encostando um povo comigo. Isso em titio Policarto, na Barreira Funda. Aí ele foi e disse para mamãe Venância:

- Minha comadre, eu vou benzer essa menina de Paulo. Cadê ele?

- Está trabalhando em Capinzal.

- Eu vou benzer essa menina, mas...

Eles eram primos, papai mais titio Policarto.

- ...quando ele chegar você diz para ele vir aqui. Ou você fala para ele ver isso. Essa menina dele aqui tem um problema muito sério que ele tem que cuidar.

Nessa época titio Policarto morava aqui. Ele tinha salão aqui. O único curador que tinha aqui de primeira era seu Florêncio, lá embaixo, ali no São Francisco, e titio Policarto aqui.

- O serviço dessa menina é muito pesado. Ela não pode estar fazendo força. Ela não pode bater em ninguém. Ela não pode estar apanhando de ninguém. Porque o caso dela é muito delicado. Ela tem um povo muito bravo. Ela tem um pessoal. Ela é de mina. Eu sei que Paulo não vai acreditar, mas meu tio Dito sabia disso.

Meu avô já tinha morrido.

Tudo bem! Eu passei, fiquei boa tudinho, tudinho, me curei, fiz direitinho como eles mandaram. Papai chegou, mamãe Venância contou. Também não disse nada não, também não ligou, não deu importância.

---

início da década de 80 ela assentou sua Tenda Santa Bárbara no quilombo, na parte chamada de Santa Rosa de Baixo, permanecendo até sua morte, no final dos 80. Ela era filha de santo de Maria Pires, que tinha sua tenda de tambor de mina no município de Rosário. Maria Pires também foi a mãe de santo de Dona Luzia, que apesar da idade avançada ainda festeja para seus encantados em sua tenda, também no município de Rosário. Seu Sebastião, cunhado de Dona Severina, que a ajudou a fundar sua tenda de tambor de mina, antes de ser o abatazeiro guia da Tenda Nossa Senhora dos Navegantes foi abatazeiro de Mãe Georgina e desde menino novo tocava para Maria Pires, sua mãe de criação. Essa rede familiar e de compadrios entre mineiros e as performances litúrgicas nos rituais nos permite identificar uma “descendência” de Maria Pires. A biografia dela é pouco conhecida e revelada. Dizem que ela veio pelas águas. Talvez de Alcântara.

<sup>11</sup> Policarto era de Santa Rosa e pai de sangue de Seu Sebastião, o cunhado de Mãe Severina, que se tornou o mestre dos tambores, abatazeiro guia e filho da Tenda Nossa Senhora dos Navegantes. Policarto foi um reconhecido pai de santo do tambor de mina da região. Sua tenda na Santa Rosa se localizava na Barreira Funda, onde atualmente é um campo de futebol. Na década de oitenta transferiu-se para a cidade de Itapecuru, onde também abriu uma tenda de tambor de mina. Faleceu nessa tenda no final da década de 90.

### *tive Fátima, com três anos, fui dançar*

Aí eu tive Fátima. Me casei, mas meu casamento não prestou. Casei-me com 16 anos. Depois eu fiquei grávida de Maria de Fátima. Tive Fátima e ela estava com três anos. Aí tinha uma festa em Kerlú<sup>12</sup>. Ele não deixou a gente ir para festa, nem eu, nem Neném que é Francisca, nem Valéria, minha irmã. Eram as três meninas dele, que tinha dentro de casa<sup>13</sup>.

- Papai nós vamos em Kerlú.

- Não. Em Kerlú vocês não vão.

Mas eu era teimosa:

- Então deixa eu e mais as meninas ir aí na casa de comadre Georgina.

- Lá vão.

A minha irmã caçula não quis ir. Só foi eu e Neném. Chegamos lá já tinha começado tambor. Meu Pai João<sup>14</sup> veio. Que sempre não me deixava desamparada. Ele sempre vinha me cumprimentava tudinho. A gente ficava tão alegre quando ele vinha botar benção. Aí ele veio de lá eu dei a mão. Ele me abençoou tudinho. Quando ele me abraçou... Não foi ele que me colocou encantado em mim não. É porque Seu Cearenso já estava próximo de mim mesma para chegar nesse dia. Aí eu sei que nessa hora não soube mais do tempo. Aí caboclo desceu na minha croa. Aí dançou. Eles deram uma roupa para ele. Que eu tinha roupa justa. né? Então eu dancei. Parece que a noite toda. Doutrinei!

Eu sei que quando nós chegamos em casa para receber essa notícia. Ele muito bravo, muito bravo. Mamãe também não dizia nadinha, porque ele tinha voz ativa em casa. Brigou, brigou e brigou. Que eu tinha ido caçar e tudo. A mãe disse:

- Não. Ela não foi caçar. Ela já tinha o pessoal dela. Tu é que não dava conta. Mas tu sabes que Severina é cheia de problema.

---

<sup>12</sup> Kerlú é uma das localidades que compõem o Território Quilombola de Santa Rosa dos Pretos e fica a uma distância de mais de 5 quilômetros da Santa Rosa de Baixo. Área mais próxima da BR 135, onde residem várias famílias, entre elas a do pai de Mãe Severina, Paulo Leonel. Em Santa Rosa de Baixo que Mãe Severina assentou morada e em frente ao pequizeiro construiu sua tenda.

<sup>13</sup> Paulo Leonel teve três filhas, Francisca, Severina e Valéria, com Dona Duca, e uma filha fora desse matrimônio, Santa, que se tornou filha de santo de Mãe Severina. Santa é irmã por parte de mãe de Dalva, destacada filha de santo de Mãe Severina.

<sup>14</sup> Pai João Guará, foi o guia de Mãe Georgina. Mãe Severina, um tempo depois que Mãe Georgina faleceu passou a receber João Guará. Depois de mais alguns anos assumiu a festa de São Lázaro, obrigação para Akossi com a mesa composta de 7 cachorros e 7 crianças de menos de 7 anos, que antes era realizada por sua Mãe Georgina e é comandada por João Guará. Mãe Severina nos revelou que João Guará é o vodum Averequete

Um pouco desconfiada. Comendo a custa deles. Eu comi e vomitei. Fui me embora justamente para a salva<sup>15</sup>. Aí meu compadre Sebastião passou e ficou com vergonha de me chamar, que papai brigava e foi embora. Aí na última noite ele já me chamava.

- Vamos embora comadre?

Assobiando. Nós saímos conversando. Dancei as três noites de tambor lá. Eu sei que por aí sempre saía meio escondida dele. Depois eu não saio mais escondida dele não.

Eu fui quebrar coco no mato. Antigamente para você comprar uma roupa e só comia se quebrasse o coco e eu fui trocar dia de pessoal. Eles quebravam para mim e eu para eles. Fui comprar minhas roupinhas. Fazendo na máquina as roupinhas de cetim tudinho. Que eu sempre fui cuidadosa. Aí eu fui dançar. Felizmente dancei 14 anos na casa de comadre Georgina. E lá foi tempo que eu fui me amigar com meu companheiro. Sempre dizendo:

- Minha madrinha vamos ver meu serviço.

Dizia que ia fazer, ia fazer, ia fazer e nunca fez.

### ***deus me dê um marido, vou embora, não vou mais dançar mina***

De lá fui me amigar com Hilário, que me convidou para morar com ele. Minha menina já estava com sete anos de idade. Eu sempre pedia a Deus.

- Deus me dê um marido.

Porque eu era cheia de problema. Eu tinha muito problema e de noite me achava sozinha. Não tinha quem fizesse um chá para mim. Não tinha quem me desse um carinho. Não tinha nem quem conversasse comigo. Tinha as colegas. Mas depois elas iam embora. Eu pedia que Deus me desse meu marido e graças a Deus... Deus me deu meu companheiro.

Ele foi arranjar um serviço em Santa Inês. Ele me levou. Aí meu povo já tinha muita roupa. Meu tio, que é Dico, dava roupa para ele. Finado Clemente, que é pai de Zequinha, dava para ele. Comadre Santa dava, do Carmo dava, mamãe Da Penha, que é a mãe de Benedito, dava roupa para ele. Levava bebida pra ele. Comprava luz pra ele. Dava cigarro pra ele. Todo mundo agradava meu patrão. Eu sei que ele foi um encantado muito carinhoso, todo mundo

---

<sup>15</sup> Rito de parabéns ao encantado aniversariante em uma festa de tambor de mina. Na Tenda Nossa Senhora dos Navegantes começa por volta das 16 horas, com toque de tambor e doutrinas específicas para a salva. Depois da gira em que os encantados incorporam, o encantado aniversariante convida os presentes para se juntarem aos encantados à mesa do bolo e cantarem parabéns com o ritmo dos tambores. É um momento da festa com a presença de muitas crianças e idosos. Na salva os encantados mais velhos e mais antigos na comunidade costumam vir. Se verifica na Santa Rosa que quando um médium morre, depois de um certo tempo o encantado passa a incorporar em um outro médium. Os mais velhos que conhecem os encantados desde quando eram incorporados em médiuns que já faleceram, tem a oportunidade de rever e conversar com os encantados, que são seus amigos, compadres, confidentes, padrinhos e madrinhas, incorporados em outros médiuns. Certa vez ouvi Seu Mineirinho declarar para um médium jovem, que quando o seu cavalo morresse ele ia baiar nele.

acarinhava. Todo mundo queria bem ele. Sempre respeitador. Graças a Deus. Então por aí começou. Dico, meu tio, deu uma toalha muito bonita de tricolina. Até hoje lembro. Eu fiz essa toalha para ele. Que ele gostaria de dançar com a toalha aberta. Até hoje dança. Neném mais compadre Sebastião compraram um chinelo para ele. Eu já tinha meus colares, tudinho. Como eu tenho aqui tudinho. Estava prontinha. E com essa ida pra Santa Inês eu achei, eu me empolguei:

- Se eu vou embora para Santa Inês eu não vou mais dançar mina. Eu vou cortar essa roupa todinha e vou embora mais Hilário.

Eu cortei a roupa, fiz pasta, fiz uma calcinha para Fátima. Eu cortei muita roupa mesmo. Cortei todas as roupas. Não achei que tivesse bom, eu peguei o chinelo cortei também. Peguei o rosário, rebentei todo. Aí, meu amor, fui embora. Fui embora para Santa Inês.

### ***eu não sou mais do mundo mais, boi bravo se amansa furando a venta***

Dentro de 15 dias estava tudo bem. Minha filha! De 15 dias a um mês, dois meses a coisa para mim não foi fácil em Santa Inês. Se bem que não deu certo em Santa Inês e vim apanhar taca aqui em Itapecuru. Em Itapecuru apanhei bem. Apanhei bem. Hilário no serviço. Ele trabalhava na Camargo Corrêa. Eu fiz o almoço. Fui tomar banho para quando chegar almoçar. Eu e minha filha<sup>16</sup>. Fátima já tinha casado. Núbia estava com três aninhos e eu fui banhar. Quando eu cheguei que eu botei o pé dentro do batente da porta para atravessar para lá, eu olhei a menina, mas a casa era cheinha de caboclo. Ainda me lembro até hoje.

Caboclo! Cada qual com suas flechas. Parece para mim que eles iam me atirar aquelas flechas. Caboclo! Caboclo índio! Para mim a casa estava cheia. Eu só vi aquela fala deles, dentro do quarto, dentro da sala e a meninazinha no meio. Ela não via, brincando. Aí eu perdi o sentido, os pés. Corri, e o caboclo me mordendo, arrancando meu cabelo e me rasgando toda. Eu só sei te dizer uma coisa. Se não fosse os amigos de Hilário ele tinha me matado dentro do rio Itapecuru.

---

<sup>16</sup> A filha referida é Nubia. Filha biológica da irmã Valéria com o irmão de Seu Hilário. Mãe Severina perdeu uma gravidez. A mediunidade parece ter impossibilitado a manutenção da gestação. A irmã com mais de 5 filhos se compadeceu e deu a filha recém nascida para que Severina a criasse. Nessa altura da história de Mãe Severina, a sua única filha biológica, Maria de Fátima, já estava com 16 anos, casada e morando no Cariongo, um outro quilombo da região. Na Santa Rosa é muito comum o casamento e a gravidez por volta dos 16 anos. Foi assim com Mãe Severina, com a filha, Fátima, e com as netas, Landia e Dayanne. Mãe Severina criou duas filhas, a primeira biológica e a segunda adotiva, criou uma enteada, as duas netas e o neto Wallyson, filhos de Fátima. Também ajudou a criar mais três netos, dois da enteada Claudia e mais uma da filha Núbia. A atualmente cria um bisneto e ajuda a criar mais três netos. Em geral os avós assumem a responsabilidade de prover os netos. Esse fenômeno é observado com muita frequência na Santa Rosa e em muitos povoados do Maranhão.

Foi Seu Cearenso que estava misturado com eles. Seu Cearenso desceu na minha croa, que ele veio me rasgando no meio do povo. A casa estava cheia de caboclo índio e ele estava no meio. Entendeu? Para se aproximar de mim ele teve que entrar no meio dos caboclos para poder entrar na minha croa para judiar comigo. Foi na hora que ele desceu na minha croa me rasgando toda, me mordendo, arrancando meu cabelo, fiquei doida.

Eu não sou mais do mundo mais. Não soube, não soube de jeito nenhum nem o que estava acontecendo. Eu sei que se não fosse os amigos de Hilário ele tinha me matado nesse dia. Ele me jogou dentro do rio. A valência que era só estivador forte de carregar 60 kg aqui nas costas. Quando ele me jogou dentro do rio, me pegaram pelos pés aqui arrastando. Ele veio trazendo palha de sabão, foi capinho, que o pessoal lavava na beira do rio, vinha trazendo tudo que encontrava. Eles me juntaram e me trouxeram para casa. Eu era toda, toda, toda ralada. Toda cortada. Na venta tinha um prego. Enfiado na minha venta que vinha pingando. Ele quem enfiou o prego na minha venta. Quando chegou em casa, que eles me arriaram, que eles viram o prego enfiado na minha venta, eles iam tirar, aí ele disse assim para eles:

- Não tira. Quem vai tirar sou eu. Porque o boi bravo se amansa furando a venta.

Ele mesmo tirou. Depois que já tinha chegado em casa comigo ele foi arrancou e ficou o prego muito tempo lá. Muito tempo depois ele tirou. Até pouco tempo eu tinha um sinal aqui no meu nariz. Quando ele puxou aí a gota de sangue de novo. O pessoal enxugava tudo. Menina eu tinha até pouco tempo uma marca bem aqui no meu nariz. Eu sofri muito Juliana. o povo diz hoje que apanha de encantado. Eu duvido. Quem apanhou de encantado foi eu. Eu apanhei de encantado. Dalva apanhou de encantado. Mas o resto... ninguém. Porque se tivesse apanhado de encantado eles criavam moral e respeitava a mina que eles exercem. Então daí tinha uma vizinha lá em casa que falou que faria o serviço e ele disse:

- Eu só não vou matar ela porque eu sei que um dia vai chegar à conclusão e me assumir.

Estou fazendo isso para me respeitar. Porque o meu nome se chama Cearenso.

Tudo bem. Se chama Cearenso<sup>17</sup> para não dar mesmo na realidade.

### ***não vou ficar lutando com doido***

Tinha uma vizinha defronte de mim, que era Damiana, que eu não sabia se era... Nós eramos muito amiga, ela era muito novinha. Hilário foi na casa de titio Policarto. Titio Policarto

---

<sup>17</sup> Seu Cearenso é um caboclo de família da Turquia, com encantaria no Ceará. Mãe Severina assume que ele é José das Palmeiras. É um caboclo muito calmo e austero, de conversa direta. Ele também me contou sobre o encruzo de Mãe Severina e a surra que a deu, mas o HD que guardava as entrevistas foi danificado, impedindo que pudéssemos acessar novamente as imagens. Lembro que ele começou respondendo se eu queria a versão dele da história.

não fez meu serviço. Foi na casa de compadre Zacarias. Compadre Zacarias me benzeu tudinho, me levantei um pouco, melhorei, melhorei. Foi o tempo que minha Mãe Damiana disse para Hilário que se ele quisesse ela fazia meu trabalho. Ele disse:

- Damiana eu quero que você faça o trabalho dela.

Chegou em casa me comunicou.

- Eu faço não. Não quero serviço de nada. Eu não quero serviço de nada disso.

- Vai fazer. Porque se não fizer nós vamos nos separar. Porque eu não vou ficar lutando com doido todo o tempo.

- Está certo. Na realidade você está certo mesmo.

Aí fui e aceitei que ela fizesse meu serviço. Hilário estava trabalhando na Camargo Corrêa<sup>18</sup>. Nós fomos ajuntando para dar para minha mãe de santo e comprar os remédios que foi caro também demais. Mas fez meu trabalho. Eu não queria. Marcou o dia. Ele veio dizer para o papai. Mas ninguém foi. Que eu lembro que estava lá era só papai, nem minha mãe estava lá, mas o pai estava. Ela fez meu serviço. Muito bom. Pessoa trabalhadora.

Muito bem, ela me mandou sentar. Eu com o sentido na menina, na minha casa. Ela disse assim para mim:

- Olha! Tira seu sentido de família, pensa no teu guia.

- Eu não tenho guia e até porque eu não vou fazer serviço nenhum.

---

<sup>18</sup> Em entrevista realizada em 03 de agosto de 2017, Seu Hilário nos conta que nesse tempo em que foram morar na cidade de Itapecuru, sempre que ele voltava do serviço sua esposa reclamava que estava se sentindo mal. No dia em que seus amigos da estiva a salvaram de morrer afogada no rio Itapecuru, quando ele chegou em casa achou “ela em cima da cama nua e crua, nuíinha como nasceu”. Ele foi buscar ajuda. Foi a casa de Zacarias, que “era metido a... metido não, ele também era pai de santo”. O homem não queria ir. “Porque ele conheceu que era pesado”. Sua esposa que o convenceu. Quando chegou em casa “foi luta, foi luta, até quando ela gemeu no fundo”, despertando de um longo desmaio. Foi Zacarias que mandou fazer o serviço de Severina. No dia seguinte, ao voltar do trabalho encontrou a vizinha, Damiana:

- Seu Hilário, ontem a barra lá em tua casa, trem pesado, eu não pude entrar, não pude entrar rapaz. Lá estava frechado de caboclo, lá estava pesado. Agora se quiser eu vou fazer o serviço de tua mulher. Vai lá onde Zacarias, manda ele segurar o ponto que ele tem lá, que se ele me judiar eu acabo com ele.

O ponto que Daiana se refere é um ponto da “experiência” que Zacarias deixou em sua casa pra Severina. Seu Hilário ainda chamou Seu Paulo, pai de Severina, para acompanhar o serviço. Logo no início do serviço de croa, Damiana disse:

- Severina, pense aí no teu guia.

- Que guia nada, eu não tenho guia, pequena.

- Severina, pense no teu guia.

Em seguida Damiana pediu para a mãe acender uma vela no ponto que tinha em sua casa. Conforme relata Seu Hilário, foi acender a vela que “descangotou aqui”. “Chegou Dona Teresinha, enrolando a saia logo pedindo cachaça”. A cabocla fez Seu Paulo, pai de Severina, andar por toda Itapecuru para comprar cachaça para ela. “Até quando chegou a hora do caboclo de Damiana”, Lago Verde. Ele disse:

- Pronto, acabou, parou aqui, agora vamos cuidar do serviço.

- Severina nunca na minha vida me decepcionei com ninguém, não é hoje que eu vou me decepcionar contigo. Se você não tivesse um guia, se você não tivesse encantado, eu não estava aqui para fazer teu trabalho.

Ela foi e disse:

- Mamãe a senhora vai lá em casa... Tira aquela luz vermelha que está e bota a verde lá naquela pedra lá, que eu vou mostrar para Severina se ela não tem guia.

Assim mesmo. Minha filha. Só deu tempo de Dona Maria ir lá. Pegou. A luz mudou, né? Botou a que Damiana mandou. Quando ela vem chegando aí eu me deslembrei. Fui me deslembrando, me deslembrando, até quando Dona Terezinha chegou aqui. Não foi Seu Cearenso, quem já desceu foi Dona Terezinha. Entendeu? Quando Dona Terezinha chegou que disse:

- Boa noite todo mundo.

Disseram:

- Boa noite.

Aí a minha Mãe Damiana vai e diz assim para ela:

- Olha! Gente novo quando chega na croa que acha a mãe de santo ela se ajoelha e toma a benção para mãe de santo.

No caso a minha mãe de santo dizendo para Dona Terezinha que estava na minha croa.

Aí ela foi e disse:

- Muito pelo contrário, que eu sou mais velha que você e você que vai tomar benção para mim. Ajoelhar e tomar benção para mim. Meu nome se chama Terezinha Légua.

Ela foi se ajoelhou tomou benção para minha Mãe Terezinha na minha croa.

- Eu estou aqui para fazer o encruzo de Severina.

- Sim. Pode fazer. Mas aquilo que você souber, aquilo que você não souber pode deixar que eu faço na minha filha. Está bem?

Ela fez. O trabalho dela é bem feitinho. Ela fez o que ela teve que fazer. Botou algumas contas em mim. Trabalho ela fez. Alguma conta ela botou em mim. E ela mandou Hilário botar a rede em cima da cama. Porque ela não queria me deitar na cama. Tinha uma rede grande branca e Hilário botou aí em cima da cama. Aí quando eu fui para subir ela disse:

- Não. Na rede não é bom que ela vai ter que fazer força.

Mas eu pensei de querer. Sempre fui teimosa.

- Que nada. Eu subo na cama e me deito na rede e não vai acontecer nada.

Mas não. Quando eu subi na cama a conta que ela botou aqui em mim começou a pulsar porque senti a dor na perna. Mas também não falei nada.

Mas isso a senhora já estava sem encantado na croa?

Dona Terezinha saiu para poder fazer o trabalho. Dona Terezinha mandou para ela fazer aquilo que desse para ela. O que não desse, deixasse para ela e Seu Cearenso fazer, que eles faziam.

Eu subi na rede. Amarrou minha cabeça, tudinho. Me deitou. Botou meu rosário. Tudinho, bonitinho. É porque quando coloca conta não pode fazer esforço. Não posso fazer isso. Tem que ser devagarzinho. Não beber água naquele momento. Ficar paradinha para que as contas procurem um lugar. Aí eu fiquei sentindo essa perna quando eu subi. Me deitei.

*encruzo invisivelmente é diferente, é muito diferente.*

Com três dias que eu estou deitada lá em casa. Isso antes de umas 9 horas. Aí eu estou deitada na rede. Aí eu via aquele homem e aquela mulher entrar. Todos de branco. Cada qual com seus colares. Cada qual mais bonito que o outro. Minha patroa uma curadora muito bonita. Meu caboclo foi um caboclo muito bonito. Estavam de branco, umas faixas vermelhas e uns colares brancos. O rosário dele era amarelo, verde e branco e da minha cabocla, que é a Dona Terezinha, um rosário muito bonito preto e branco e tinha um vermelho e preto e tinha um todo vinho. Eu lembro como se fosse hoje. Ela tinha uma estrela muito bonita. Tipo assim, tipo aquelas ciganas que botam aqueles arranjos aqui na cabeça. Fica aquele negócio. Só que o dela era uma estrela aqui e bem aqui umas gargantilhas muito bonitas, com uma estrela também.

Eu na minha. Eu perdi a fala. Não me movia mais para lugar nenhum. Nesse momento que eles entraram eu pensei só comigo:

- Meu Deus, foi curador que veio me matar. Soube que eu estou de serviço, não posso correr, veio me matar.

A senhora não achava que era invisível?

Não, eu não achava. Que eu ainda não tinha visto ele. Nem ela. Só que ela era muito bonita. Mas eu achava que era uma curandeira que alguém tinham mandado e ele também. Eu fui saber que era Terezinha porque eles falaram os nomes um dos outros. Seu Cearenso falando o nome de Terezinha e ela falou o nome de Caboclo Cearenso.

A senhora via e ouvia a conversa?

Mas não podia falar. Eu não podia falar. Chegaram, ficavam me olhando, tiraram o pano da minha cabeça, me reviraram toda. Eu fiquei um molambo nessa rede. Aí foi dizer onde faltava conta em mim, onde não faltava, desse jeito de ser.

- A gente vai encruzar como mãe de santo. Porque ela não vai servir. Não tem condição de ser filho. Ela tem condição de ser mãe de santo. Ela não pode ser filha. Não é Terezinha?

Ela disse depois, ela fala o nome dele:

- Cearenso é desse jeito, desse, desse...

Só que eu não podia nem acenar nada. Só parada. Eu para ele não me matar eu fechei, mas sabia de tudo que eles estavam conversando. Meu coração estava, pique, pique, pique. A primeira coisa que eles botaram foi abri minha mão. Ele abriu a boca assim e botou, esfregou, esfregou, esfregou, na mesma da outra.

É diferente! Encruzo invisivelmente é diferente, é muito diferente. Aí esfregou, esfregou, esfregou, eu senti arder. Ela foi e tirou e botou na cabeça, botou aqui, aqui, aqui, aqui, está aí ela. Foi para essa perna. Botou no meio do meu pé. Ela deixou para cá para Seu Cearenso. Ele me revirou toda e eu fiquei emborcada na rede.

Eles cantaram até essa doutrina que diz assim:

ah ê, eu sou rei das forças  
o meu pai que mandou eu vim lhe dar  
ah ê, eu sou rei das forças  
foi meu pai que mandou eu vim lhe dar  
ê encruzo  
ê encruzo  
ê encruzo  
ê encruzo eu passei lá no meio  
ê encruzo  
ê encruzo  
ê encruzo  
ê encruzo eu passei lá no meio

Com essa doutrina é que eu incluso as pessoas. Aprendi deles e com essa eu encruzo. Eles me encruzando e ela cantando e me encruzando e eu cantando. Olha eles demoraram tanto cantando que eu aprendi toda. Que se cantasse uma vez não tinha aprendido. Enquanto estavam me encruzando cantando eu digo:

- Essa daí que é para encruzar a gente.

Seu Cearenso foi primeiro e ela ficou agarrada assim no punho da rede. Me lembro muito bem. Muito bonita. Ela com cocó muito bonito. Dona Terezinha faz o cocó dela com punhal desse tamanho assim com o cabo preto e vermelho. Ela faz o cocó e mete o punhal na cabeça. Muito bonita! Minha cabocla estava tão cheirosa, muito bonita, muito bem vestida. Uma cabocla muito bonita. O cheiro do perfume cheiro de Colônia Regia. Aquele cheiro de banho, aquela coisa, aquele perfume. Menino, quando ela baixava assim... Nossa! Pensa na

cabocla cheirosa. Muito bem vestida. Ela tinha anel para tudo quanto é lado. Pulseira, mas uma porção de pulseira bacana. Aquilo não era latão, era não, era ouro, tenho certeza, era ouro. Eu sei que quando ela se afastou, ela escutou minha cabeça, escutou aqui, escutou aqui.

### ***cumpri direitinho o meu resguardo***

Aí eu ouvi o chinelo no piso, trau, trau, trau, trau, a porta da rua rangia. Ela foi embora. Eu não vou nem falar. Só comigo. Depois suspirei. Meu Deus, já posso falar:

- Comadre? Comadre? Ê comadre?

Aí a menina de Valéria disse:

- Mamãe não está aqui. O que é mãe Neném? A senhora quer alguma coisa?

- Não. Para tua mãe vir aqui.

Ela veio. Como era minha irmã, eu disse:

- Eu queria um pouquinho de água.

- Você tem certeza de que você quer agora?

- Eu quero.

Essa hora já criei ânimo. Porque eu perdi as pernas só para eu não falar enquanto estavam ali me encruzando. Eles que fizeram eu ficar assim, sem perna e sem coisa. Para eu não chamar comadre Valéria com medo. Me sentei devagarzinho, ela me ajudou, tomei água devagarzinho.

Aí com 5 dias desci da rede. Fiquei bem na porta do quarto. Com 5 dias eu fui lá fora, me banhei. Minha irmã fez banho para mim. Minha mãe Damiana veio, trouxe banho. Eu me banhei, me asseei. Me alimpei tudinho. Troquei minha roupa. Eu fui almoçar lá fora. Já comi arroz nesse dia. Não comi mais angu, nem papa. Comi arroz mesmo, pedaço de carne assada. Eu cumpri direitinho o meu resguardo. Foram quantos dias só na papinha? 3 dias, 3 dias e meio na papinha, nos escaldados de pinto. Não tinha nem limão, nenhum valete de corante. Mas antigamente era antigamente. Não é agora. É outra coisa. Pessoal faz o encruzo e ninguém quer mais cumprir. Aí minha irmã cuidou de mim, aí quando acabei de almoçar que deu uma hora, ela disse:

- Está bom para tu ir se deitar.

Aí eu voltei para rede de novo. Aí minha Mãe Damiana disse:

- Não é bom ir para a cama?

- Não. Eu não quero ir para cama. Quero ficar na minha rede.

Passei 15 dias na minha rede. Com nove dias saí para fora toda. Me banhei. Tomei outro ar. Lavei minha cabeça. Troquei minha roupa. Chegou que fiquei leve. Vez enquanto eu me lembrava de mim.

- Para eu ser mãe de santo? Não vai acontecer. Eu não sei de nada. Não sei de nada.

Como é que eu vou tocar um salão? Não sei de nada.

Ficou aqui na minha cabeça.

Hilário chegou, perguntou:

- Como é que está a mulher?

- Está bem. Já saiu para fora, tomou banho. Está bem.

### ***tem que ir para terra origem dela***

Eu fiquei forte logo rápido. Fiquei morenona mesma. Estava a fim de serviço. Meu corpo estava precisando de meu trabalho mesmo. A cabeça estava precisando trabalho. Isso minha mãe Damiana fez. Aí quando foi um dia ela disse. Quando eu acabei meu resguardo:

- Severina eu não te disse para ti que se eu fizesse o teu serviço eu ia sumir para tu não me ver mais.

Aí olhei:

- Ô Damiana, não faz isso. Isso não é coisa que se faça. Tu sabes que nós somos amiga.

- Nós não podemos estar se vendo. Eu fiz para ti uma caridade. Eu sei que vai me pagar o dinheiro, mas foi uma caridade para ti.

Mas eu estou pensando que ela estava com brincadeira. Né? Eu não pensei que ela fosse sumir. Para mim não ver ela. Eu sei que minha filha está com muitos anos, e minha mãe Damiana eu nunca mais vi.

Hilário foi se embora para Rio Verde trabalhar para lá. Aí Dona Teresinha disse para mim, chamou uma amiga, uma vizinha:

- Dona Martinha, a senhora diz que ela vai embora daqui. Pra Severina ir embora que eu não a quero aqui. Aqui não é o lugar dela. Tem que ir para terra origem dela, que é Santa Rosa dos Pretos.

### ***coisas que mexe no fundo eu fico um pouco cabreira***

Tem gente que gosta de dar entrevista. Eu já dei muita entrevista. Mas a gente só responde aquilo que dá. Eu gosto de entrevista. Mas aquilo que a gente pode responder. Mas aquelas coisas que mexe no fundo, eu fico um pouco cabreira.

Meu pai João... Eu não vou te explicar. Só posso te dizer que ele é Averequete. Não que eu não saiba, mas é o mesmo que você está vestida e eu pego tua roupa toda. Aí você fica nuinha. Aí fica difícil. Estou despida. Não pode acontecer isso. Tem gente que adora. Eu também gosto, mas não dá para dizer a coisa toda. Tem quem diz quando nasceu, dá nome e sobrenome. Não é bom para gente. Desculpa, mas não é bom. Tem gente que gosta. Adora. No fundo, no fundo, eles vão ser prejudicados.

Todo meu trabalho, todo modo da minha casa, era da casa de meu pai João. Por isso eu tenho muito orgulho de ser filha de João Guará. Eu tenho orgulho. Porque de lá é que fui trazendo minhas origens. De lá da casa de meu pai João, casa Santa Bárbara, eu fui trazendo o respeito da mina. Da casa de Mãe Georgina. Ela não fez meu serviço, mas a mãe que eu tenho dentro do meu coração é minha mãe Georgina. Passei 14 anos com ela com muito orgulho e por infelicidade ela faleceu. Eu não sei se até hoje ela não estava dançando. Talvez sim. Talvez até se ela tivesse com o salão nós estávamos sendo irmã. Tanto filha, como irmã. Eu dançava lá e ela dançava aqui. Porque lá que eu aprendi a mina. Lá que eu aprendi a respeitar. Meus guias já me deram os exemplos. Foi de lá que eu segui. Tratar os clientes. Dizer sim, dizer não. Entrar onde deve. Onde me cabe. Na casa da minha mãe Georgina eu aprendi a respeitar, dançar, tratar bem, não menti na mina. Que é muito pecado. Que você mente na mina lá fora você vai ser desmascarado. Só entrar num serviço se der conta. Se não der você não pode entrar. A mina é uma coisa muito séria.

Se a pessoa é de mina você diz que é e provo. Se não é não adianta colocar ninguém para dançar sem ter ninguém se não ele cansa. Festa de mina tem que ter caboclo. Se não tiver caboclo você não aguenta, porque o baião é pesado. Eu pelo menos digo bem aqui. Eu nunca aguntei uma noite de mina eu pura. Deus não vai deixar eu dançar pura uma noite de mina. Eu entro pura para abrir meu salão, termo de mãe. Mas eu não aguento dançar uma noite como esse povo dança aqui. Que a mina daqui é forte, graças a Deus. E minhas filhas também. Não é discriminando ninguém, estou falando em termos da minha casa. Dançar mina é para quem tem bagagem.

### ***escolhi Dona Severina porque tem responsabilidade, mineira fina<sup>19</sup>***

Não é com orgulho não, mas essa croa de Dona Severina ninguém toca a mão. Só eu Teresinha, o Velho Cearense e o Velho João. Porque é o Velho João mesmo que é o patrão de

---

<sup>19</sup> Este tópico transcreve a narrativa de Teresa Légua sobre o encruzo que fez em Severina. Essa entrevista com Teresa Légua foi realizada na sala de atendimento, em 26 de julho de 2017

Dona Severina. Esse que é o dono da croa dela. Para eu entrar eu tive que pedir licença. Por isso que ele é orgulhoso assim. Eu não ando me rebaixando para todo mundo. Né? Mas infelizmente tive que pedir licença para ele. Pro Velho Cearenso eu disse que eu queria só emprestada. Pro Velho João eu abri mão:

- Olha. Eu quero que você me deixe eu descer na croa dela. Você eu não vou enganar não, mas o Velho Cearenso eu vou enganar.

Aí deixou. Pro Velho Cearenso eu disse:

- Eu só quero emprestada. Só para eu passar.

- É Teresa?

- É.

- Teresinha, você?

- Não, para que que eu quero croa de vocês? Não quero.

- Não? Você é amiga de trabalho, parceira.

- Ótimo.

Aí deixou...Eu cheguei e meti uma cachaça. Eu fiz Seu Paulo correr da Rua São Benedito até o Capoeirão. Eu fiz só de mal. Aí eu meti pitú, meti pitú.

- Sou Teresinha Bogi da Trindade. Seu Paulo, eu quero pitú.

- Ah, não vai beber.

- Não? Quem disse?

- É porque não tenho dinheiro.

- Você sabe, pega essa rua aqui, vai correndo. Chega lá pega uma pitú lá no bar de Seu Cosmo e traz para mim.

Seu Paulo, pai de Dona Severina. Ele comprou a pitú. Quando ele chegou.

- Eu quero outra.

Eu fiz Seu Paulo rodar até meia noite.

- Seu Paulo, meu nome se chama Maria Teresinha, Maria Teresinha de Jesus José Joaquim Légua Bogi da Trindade. Eu não sou fácil. Pois é. E eu não vou sair daqui não, nem pensa.

Botei minha saia. Estava invocada mesmo nesse dia. Aí a mãe de santo, que estava fazendo serviço de Dona Severina, disse:

- Olha, gente novo quando chega, ajoelha e dá benção para mãe de santo.

- É? Mas você não é minha mãe de santo não. Eu não sou nova. Muito pelo contrário, eu sou muito mais velha do que você. Em vez de eu dar benção para você, você quem vai ajoelhar bem aqui nos meus pés e dar benção para mim.

Ela não mudou o tom:

- Bênção mãe.

- Deus te abençoe dê força, luz e paz. Outra coisa que quero te avisar. Faça o serviço de minha filha. Aquilo que você não souber deixa para mim que eu encruzo ela. Não bota uma pedra nela que você não tenha.

- Muito bem.

- Pois é. Aquilo que você não souber não toca, deixa que eu faço. Me entrega que eu faço.

Eu fui embora para ela poder fazer o trabalho.

- Eu volto ainda tenho umas pitú para beber.

Seu Paulo ficou...

- Rapaz, essa mulher bebe demais.

Aí ela disse:

- Pronto. Agora a Teresinha falou que ia ...

- Dobre sua língua, me chama Dona Teresinha ou então mãe.

- Mamãe Teresinha.

- Pois é, mamãe Teresinha. Eu preciso ser respeitada. Eu preciso ser respeitada.

- Sim senhora.

Ficaram assistindo o trabalho Seu Hilário, Dona Maria que era mãe de Dona Damiana e Seu Paulo. Aí depois eu voltei.

- Deixa eu beber mais uma gorjetinha de pitu.

Depois Velho Cearenso veio para ver se estava tudo bem. Tudo bem. Foi embora. Severina sobe pra cama, pra rede. Aí com três dias eu vim. Aí vim acabar de encruzar. Foi quando Dona Severina me conheceu, me viu. Que esse tempo todinho ela dançava, mas nunca tinha visto o Velho Cearenso. Mas nesse dia foi que ela conheceu a ele, eu e a filha dele. Aí foi que eu fui encruzar Dona Severina do meu jeito. O Velho Cearenso encruzou do jeito dele, do nosso jeito. Foi que nós sentamos e eu disse:

- Eu só quero emprestada. Eu vou encruzar para ti do meu jeito.

Ele caiu na cilada e eu não estava nem aí.

- Eu vou encruzar do meu jeito porque na hora que eu precisar tem.

- Teresa?

Ele me olhava assim... como quem diz: “Essa cabocla tá me enganando”. Ele sabia mesmo.

- Que é caboclo?

- Nada.

- Que é Cearenso?

- Nada, nada não.

A senhora encruzou?

A mãe já tinha encruzado. Eu fui fazer o meu encruzo do meu jeito mais o Velho Cearenso. Nesse dia ela conheceu a mim e o Velho Cearenso. Primeiro ele veio, ela perdeu a língua, não falou mais. Só ficava piscando assim ó, me olhava, mas não queria falar. Não podia. As pernas não mexiam. O pé não mexia, nem nada, nada, nada. Ele encruzou a parte dele, e eu fui e encruzei também a minha parte.

Dona Teresa, posso fazer uma pergunta para senhora? Por que que a senhora escolheu a Dona Severina?

Oh minha filha, essa mina é uma mina respeitada. Eu escolhi Dona Severina porque dentro da Santa Rosa, uma mineira, uma mãe de santo. Olha que ela não queria ser mãe de santo. Ela não queria nem fazer o serviço. Seu Hilário que disse para ela que se ela não fizesse o serviço eles iam se deixar. Porque ele não ia lutar com doido. Aí fez o serviço. Mas uma mineira fina, que tem responsabilidade, que respeita a mina, não exagera, não mente, está aqui Dona Severina. Dentro da mina não tem caçoada. Ela respeita ali direitinho. Com ela deu, deu, se não deu, desce.

### ***encruzando as histórias***<sup>20</sup>

Mãe Severina é por muitos admirada e considerada como rigorosa e conservadora, mantenedora da tradição e dos fundamentos da mina. Ela segue uma linhagem ritual e moral dentro do tambor de mina. O fato dela não ter sido encruzada por Mãe Georgina não anula sua filiação e descendência. Foi na Tenda Santa Bárbara que ela dançou pela primeira vez com Seu Cearenso e por lá permaneceu dançando com seu caboclo guia por 14 anos. Georgina, que primeiro foi sua madrinha de casamento, depois comadre por ter batizado sua filha Fátima, tornou-se sua mãe de santo, quando seu guia, João Guará, incorporado nela, abraçou sua então afilhada e comadre Severina. Depois desse abraço cheio de poder e força espiritual, Dona Severina baiou e doutrinou incorporada por Seu Cearenso. Neste momento, João Guará, que é o vodum Averequete, tornou-se também seu pai de santo. João Guará como guia de Mãe Georgina é também denominado e considerado pai da mãe de santo. Como pai de ambas, as torna, Severina e Georgina, irmãs, são suas filhas. De modo que quando Georgina se tornou

---

<sup>20</sup> Neste tópico retomo a narrativa antropológica, melhor dizendo, minhas conclusões por agora.

mãe de santo de Severina tornou-se também sua irmã. Na genealogia da encantaria, tanto a pessoa humana como os encantados encarnam/incorporam/assumem ontologias múltiplas, relacionais e contextuais.

De fato, entre os religiosos de matriz africana, pais e filhos de santo são todos irmãos de santo. Contudo, a dramaticidade da irmandade entre pais e filhos de santo não é universal e sim relacional. Vai depender dos vínculos implicados entre humanos e humanos, entre humanos e entidades, e entre as próprias entidades, bem como do contexto relacional em que se enredam. Para exemplificar o que quero dizer vamos recapitular um pouca a história do *encruzo* sob a luz de outras histórias que também me foram por eles contadas, mas que não cabe aqui transcrevê-las.

Dona Severina declara ter insistido com sua Mãe Georgina para que ela fizesse seu *encruzo*. Dançou 14 anos incorporada com Seu Cearenso sem ter problemas na Tenda Santa Bárbara em Santa Rosa. O caboclo já era conhecido e querido pela comunidade e ganhava muitos presentes. Não tinha feito o *encruzo*, mas recebia os cuidados espirituais de Mãe Georgina, que na manutenção de sua tenda, benzina, ofertava banhos, velas acesas nos pontos, defumação, rezas, festas e toque de tambores para os encantados dançarem. Na condução dos rituais, Mãe Georgina e seus guias, especialmente João Guará, o mais ativo em sua croa, também a ensinaram a liturgia e moralidade ritual. Mãe Severina reconhece sua ascendência e se acha “todinha Mãe Georgina”, o “mesmo jeitinho”. Depois de alguns anos que Mãe Georgina faleceu ela passou a incorporar João Guará. Após cumprir por 7 anos obrigações rituais mais reservadas assume a realização da Mesa de São Lázaro. Obrigação antes realizada na Tenda Santa Bárbara por João Guará na croa de Mãe Georgina.

A cabocla Teresa Légua nos conta que o “dono” mesmo, o “patrão” de Mãe Severina é João Guará, foi ele também que permitiu que Seu Cearenso dançasse nela. De modo que ela teve que pedir para ele a *croa* e a permissão para poder *encruzar* Mãe Severina. Contudo, Mãe Severina só passa a incorporar seu “dono”, o que de fato ocupa a mais elevada posição no domínio de sua *croa*, depois que Mãe Georgina faleceu. O que talvez possa justificar se não um motivo, mas uma implicação complexa que inibia a não realização por Mãe Georgina do *encruzo* de Mãe Severina. São segredos da mina que apenas especulamos para poder orientar nossas abduções de suas agências sobre os humanos.

De toda forma, essa dinâmica de *cair*, *baiar* e passar a dançar tambor de mina incorporada com seus encantados sem que haja uma iniciação prévia parece ser um padrão observado pelos pesquisadores desde a Casa das Minas. A última geração de filhas da casa dançou tambor por quase um século sem passar pelo ritual de torná-las vodunsi-gonjoái. Como

Mãe Severina costuma dizer: “a mina não acaba, a tenda sim”. Em seu encruzo invisível ela conheceu a sua menina, a filha de Caboclo Cearenso, conforme nos contou Teresa Légua, reproduzindo talvez características da iniciação de vodunsi-gonjoá na Casa das Minas, na qual as iniciadas conheciam e passavam a receber suas tabossis, entidades infantis.

Assim como era na Tenda Santa Bárbara de Mãe Georgina, na Tenda de Nossa Senhora dos Navegantes de Mãe Severina dançam muitos filhos de santo, mas poucos deles com *encruzo*. Para muitos, como foi por um tempo para Severina, ter um salão com *força*, de *tradição*, respeitoso com a mina e as pessoas, em que possam ser aceitos para baiar com seus encantados é um privilégio. Ter um pai ou uma mãe de santo para “*adomar*” os encantados e ter um espaço para “*negociar*” as demandas espirituais é para poucos, muito acabam andando por aí atormentados. Quando Dona Severina deixou de baiar e cortou as roupas e rosários de Seu Cearenso deixou de estar protegida por suas forças. Passou a ser atacada por espíritos sendo tomada como “*doida*” e foi severamente castigada por Seu Cearenso, que só não a matou porque sabia que ela iria assumir sua sina. Caboclo Cearenso e Teresa Légua a prepararam, encruzaram o seu corpo com suas próprias pedras de encantaria para que ela pudesse se tornar uma mãe de santo. Uma mãe de santo da Santa Rosa, do seu lugar de origem, onde a família Légua e caboclos da Turquia, como Seu Cearenso, bailam desde os tempos dos antigos. Se tornar guia, patrão, patroa, pai, mãe, dono, dona e até farrista na croa de Severina, para eles também é um privilégio. Ela se tornando mãe de santo eles assumem o reinado. Vale notar que nem todas as pessoas são encruzadas com as forças necessárias para se tornar uma mãe ou pai de santo.

O encruzo invisível é “muito diferente”. É como cada um vê, sente, imagina, mas é o entre os próprios mineiros considerado o mais importante. Porque é a revelação da encantaria para eles. Além disso, as chamadas pedras ou contas, regurgitadas por quem encruza e colocadas no corpo do encruzado, quando encruzada pelos próprios encantados são “pedra de encantado”, “encantaria”, “mina pura”, concentrando muito mais força da encantaria que as regurgitadas pelo corpo da mãe ou pai de santo. Contudo, pelo menos no caso de Mãe Severina, para que ela pudesse ser encruzada no invisível precisou de alguém com o poder espiritual de tirar as contas do próprio corpo para colocá-las nela. Era necessário que ela aceitasse se *encruzar* e entrasse em regime de resguardo ritual. Para ela Damiana foi mãe de santo. Colocou conta nela. Fez o serviço direitinho. Trabalhou.

Aceitar ser encruzado é uma grande provação que o médium passa. Pois quem é de mina já nasce com suas pedras, mas necessita ao longo da vida receber pedras de encruzo, mesmo que seja de encruzo invisível, e por tanto, precisam de resguardo. O primeiro impasse

é conquistar um pai ou mãe de santo que também aceite te encruzar, que por mais que se cobre dinheiro é uma “caridade”. Arriscam suas próprias vidas interferindo no mundo da encantaria. Um segundo impasse é o medo de que quem faça o encruzo não coloque pedras. Pelo contrário, tire as que a pessoa tem de bom. O que ao invés de apaziguar a crise espiritual intensifica o problema. Fora essas provações específicas da encantaria, tem as de ordem social.

A reflexão sobre a noção de pessoa na encantaria é um instigante desafio. A proposição bastante literalizada de pessoa “feita no santo” no candomblé, que renasce com seu orixá de frente e o adjunto, um feminino e outro masculino, e com o orixá de herança, um ancestral, não se aplica de modo imediato ao universo da encantaria. Analogias podem ser feitas. Contudo, as discussões teórico-filosóficas sobre a noção de pessoa são complexas e em paralelo a constituição da pessoa é parte do “segredo”, do “mistério” da encantaria. Por isso me reservarei a discorrer em um futuro texto.

De modo geral, podemos dizer que a pessoa tem muitos “duplos”, muitas entidades que a acompanham e podem vir ou não a incorporá-la. A pessoa é múltipla, com múltiplas agências que se diferenciam e se afetam entre si. Nem todas as entidades que a afetam são dela. A pessoa também pode ser atacada por espírito ruim. Uma liderança espiritual como Mãe Severina, que nasceu com a *sina* e/ou o *dom* para ser mãe de santo, e foi preparada no *encruzo* dos encantados para isso, pode receber muitos encantados que não são os seus guias, mas que ela dá passagem para eles poderem dançar, doutrinar, ou transmitir um recado. Como todos na Santa Rosa tem um guia, um dono, um patrão e nem todos assumem e estão preparados para dançar, Mãe Severina dá passagem para eles. Com isso, segura por um tempo a demanda de incorporação dos médios da nova geração. Já entre os que dançam na Tenda Nossa Senhora dos Navegantes, quando Teresa Légua manda tocar para linha de surrupira, todos seus filhos recebem os caboclos brabos das matas. Todos têm um surrupira. Tem gente que recebe cigano, tem quem recebe mãe d’água, tem gente que recebe exu, vai depender das “correntes que cada um carrega” em seus fundamentos e dos enredos em que se envolve ou é envolvida.

A encantaria é um mundo invisível em movimento que afeta e é afetado pelo mundo visível e material, pelos corpos. Tentar descobrir um padrão de como se “faz” a pessoa é uma tarefa impossível. Mas por certo se relacionar com as pessoas da encantaria, humanos e encantados, coloca em xeque todos os nossos conceitos de pessoa, cultura e natureza, humano e não-humano, real e imaginado, visível e invisível, tempo e espaço.

Apesar das narrativas de Mãe Severina, Teresa Légua e Seu Hilário nos provocarem a ousar muitas outras reflexões, eu termino o artigo aqui, convidando a todos e todas a considerar e respeitar a relacional e, portanto, a real existência do mundo invisível da encantaria.

\*\*\*

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

Ferretti, Mundicarmo. 1996. Desceu na Guma: o caboclo do tambor de mina em um terreiro de São Luís – a Casa Fanti-Ashanti. 2.ed. São Luís: Edufma.

Ferretti, Sérgio. 1985. Querebentan de Zomadonu: etnografia da Casa das Minas. São Luís: UFMA.

\_\_\_\_\_. 1989. Voduns da Casa das Minas. In. MOURA, Carlos Eugênio Marcondes de (Org.). Meu sinal está no teu corpo. São Paulo: EDICON / EDUSP, p.176-201. Cap.7.

Gell, Alfred. 2018. Arte e agência: uma teoria antropológica. São Paulo: Ubu editora.

Goldman, Marcio. 1984. A possessão e a construção ritual da pessoa no candomblé. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

\_\_\_\_\_. 1991. Razão e Diferença: sobre Lucien Lévy-Bruhl. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

\_\_\_\_\_. 2012. O Dom e a Iniciação Revisitados: O dado e o feito em religiões de matriz africana no Brasil. MANA 18(2): 269-288.

Gonçalves, Marco Antonio. 2008. O real imaginado: etnografia, cinema e surrealismo em Jean Rouch. Rio de Janeiro: Topbooks.

\_\_\_\_\_.2012. Etnobiografia: subjetivação e etnografia.

Wagner, Roy. 2010. A invenção da cultura. São Paulo: Cosac & Naify.